Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas – O caso português no contexto europeu

Subcultures of football fans and violent hostilities – the portuguese case in the European context

Subcultures de fans de football et les hostilités violentes - le cas du Portugal dans le contexte européen

Salomé Marivoet

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/configuracoes/502>

DOI: 10.4000/configuracoes.502

ISSN: 2182-7419

Editora

Centro de Investigação em Ciências Sociais

Edição impressa

Data de publicação: 1 Janeiro 2009

Paginação: 279-299

ISSN: 1646-5075

Refêrencia eletrónica

Salomé Marivoet, « Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas – O caso português no contexto europeu », *Configurações* [Online], 5/6 | 2009, posto online no dia 15 fevereiro 2012, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/configuracoes/502> ; DOI : 10.4000/configuracoes.502

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© CICS

Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas – O caso português no contexto europeu

Subcultures of football fans and violent hostilities – the portuguese case in the European context

Subcultures de fans de football et les hostilités violentes - le cas du Portugal dans le contexte européen

Salomé Marivoet

1. Introdução

- 1 O desporto, em geral, e o futebol, em particular, constituem espaços por excelência da afirmação de identidades socioculturais, expressas quer em torno da galvanização dos sentidos de afiliação de comunidades locais, regionais ou nacionais, quer na afirmação de subculturas de adeptos que incorporam de forma exacerbada os seus sentidos identitários (Elias e Dunning 1986, Lassalle 1997, Dunning 1999, Giulianotti 2000 e 2002, Armstrong e Giulianotti 2001, Finn e Giulianotti 2000, Dunning *et al.* 2002). Na segunda metade do século XX emergiram duas subculturas de adeptos de futebol inicialmente associadas a jovens, justamente no contexto sociocultural em que se deu o aparecimento de outras de carácter geracional e transnacional, ainda que revelando características diferentes (Galland 1991, Pais 1996).
- 2 Para a maioria dos autores que se tem debruçado sobre este fenómeno é possível encontrar-se algumas semelhanças nos valores e comportamentos associados às subculturas de adeptos, nomeadamente o elevado envolvimento emocional, e com este a forte identificação e afiliação com os seus clubes (no caso da *hooligan*, também com as selecções nacionais), a incorporação dos valores da cultura tradicional masculina ocidental, nomeadamente a associação da força física à virilidade e superioridade, e a reprodução de um código de honra que constrange à vingança, quando esta é afrontada

(Williams, Dunning e Murphy 1984, Williams 1992, Murphy, Williams e Dunning 1994, Comeron 1997, Dunning 1999, Finn e Giulianotti 2000, Armstrong e Giulianotti 2001, Dunning *et al.* 2002).

- 3 A associação das subculturas de adeptos de futebol aos estratos sociais populares, como forma de explicação do fenómeno, tem suscitado um acérrimo debate nos meios académicos, sobretudo nos anglo-saxões (Dunning, Murphy e Williams 1988, Williams 1997, Armstrong 2000, Dunning *et al.* 2002). No entanto, parece ser actualmente consensual que, em qualquer uma das subculturas, se encontra uma diferenciação social, ainda que, no caso da *hooligan*, que actualmente se expressa em franjas etárias mais alargadas, a maioria continue a estar identificada com os grupos sociais com menores recursos (Dunning *et al.*, 2002a: 18). Se as identidades de classe levaram alguns autores anglo-saxões a tirar ilações na explicação do fenómeno, entendendo-o como uma forma de resistência à cultura dominante, no caso dos países do Sul da Europa, onde predomina a *ultra*, os estudos têm sido consensuais quanto à heterogeneidade social encontrada nos seus membros maioritariamente jovens (Bromberger 1997, Podaliri e Balestri 1998, Roumestan 1998, Mignon 2002, Roversi e Balestri 2002, Astrinakis 2002, Marivoet 1992a/b, 1998 e 2002a/b).
- 4 Como uma enorme variedade de estudos têm vindo a concluir¹, as rivalidades que se produzem e reproduzem no seio das subculturas de adeptos de futebol encontram-se enraizadas em contextos culturais e históricos dos diferentes países, transportando em cada caso uma ‘história’ de provocações sistemáticas e de lutas. Também a presença de membros de extrema-direita, associada a comportamentos de nacionalismo exacerbado, xenofobia e racismo, apesar de ser uma realidade que atravessa as duas subculturas, a sua maior ou menor presença tem radicado nos contextos culturais e históricos dos diferentes países.
- 5 Na nossa investigação intitulada *Ética do Desporto – Princípios, Práticas e Conflitos. Análise sociológica do caso português durante o Estado Democrático do século XX (1975-2000)* (Marivoet 2007), pretendemos conhecer em que
- 6 medida a crescente intensificação da competição e afirmação de interesses concorrentes na figuração desportiva, em especial no campo das práticas profissionais e da alta competição onde se destaca o futebol, tem vindo a suscitar contradições na determinação que os princípios éticos consagrados impõem nas práticas. No aprofundamento do nosso objecto de estudo, pareceu-nos indispensável o estudo da acção dos adeptos *ultras* das claques de futebol, cujas conclusões são trazidas a debate no presente artigo.
- 7 Pretendemos saber em que medida as práticas de violência protagonizadas pelas claques organizadas no seio dos clubes de futebol se encontraram associadas aos contextos de desconfiança generalizada em que ocorreram as revoltas violentas colectivas, ou se, pelo contrário, se foram afirmando de forma autónoma. Sabendo-se da existência de confrontos entre algumas das claques dos maiores clubes da Primeira Liga, pretendemos, também, saber qual teria sido o contexto em que estas hostilidades violentas se teriam instalado, questionandonos se não teria havido alguma relação com a deterioração das relações dos seus respectivos clubes. Pretendemos, ainda, esclarecer em que medida as acções de hostilidade violenta provocadas por membros das claques terão contribuído para a agudização das relações entre os clubes e a quebra de cooperação no tecido associativo português. Debruçámo-nos, ainda, sobre as dinâmicas de cooperação no seio das claques, de modo a aprofundarmos a eventual expressão do reforço da coesão interna através de *solidariedades mecânicas*, na acepção de Durkheim (1977a [1893]), laços entre

semelhantes portadores de valores comuns, nomeadamente em contextos de oposição-confrontação ou simples-mente de demarcação.

2. Aspectos teórico-metodológicos na investigação do fenómeno

- 8 As claques portadoras da subcultura *ultra* caracterizam-se pelo apoio fervoroso que imprimem na defesa das cores dos seus clubes, assim como no protagonismo de actos de violência e intolerância. Trata-se, pois, de grupos de adeptos fortemente identificados com os seus clubes e, por isso, um espaço social em que se investem fortes cargas emocionais, realidade que tende a ser interpretada pelos teóricos marxistas, dos quais se destaca Jean-Marie Brohm e Perelman, enquanto uma manifestação da ‘loucura pulsional’ (Brohm 1992, Brohm e Perelman 2006). Nos seus trabalhos, esforçam-se por argumentar que o ‘futebol-espectáculo’, tal como o designam, constitui um meio de controlo social dos interesses ideológicos dominantes, ou seja, agindo como meio de alienação ou de ‘conformismo dos autómatos’.
- 9 Porém, como Weber (2001 [1912]: 23) bem advertiu, “muitos ‘fins’ e ‘valores’ últimos, pelos quais se pode orientar quanto à experiência, o agir de um homem, não os podemos amiúde compreender com plena evidência”, sendo para tal necessário “torná-los compreensíveis na *revivência* por meio da fantasia empática, com tanto mais dificuldade quanto eles mais radicalmente se afastam dos nossos próprios valores derradeiros”. Parece-nos, pois, que os envolvimentos sociais em torno das identidades clubísticas – manifestações de fervor e de revolta protagonizadas pelos adeptos –, só poderão ser compreendidos se o investigador se esforçar por entrar no *jogo da experiência* através da observação participante, isto é, se se *despojar de si próprio*, de modo a captar o sentido dos actores no seu *estar, sentir e agir*, ainda que, para alguns, as conclusões que daí possam advir sejam alvo de ‘crítica’, dado serem entendidas como o resultado da envolvimento emocional do analista com o objecto analisado.
- 10 Tratando-se, antes de mais, de um facto social que emerge de um contexto onde se mobilizam fortes investimentos emocionais, não poderá, por isso, ser apreendido por uma qualquer racionalidade preconcebida pelo investigador. Estamos, pois, convictos de que o estudo dos processos de identidade social não é passível de ser distanciado da sua dimensão simbólica, tal como realçou Elias, ao afirmar: “Uma das maiores lacunas das teorias mais antigas da sociologia contemporânea é o facto de investigarem essencialmente as perspectivas sociais do ‘eles’, quase não se servindo de instrumentos conceptuais rigorosos para investigar a perspectiva de ‘eu e nós’ ” (Elias 1980: 151).
- 11 Tendo então presente a especificidade do fenómeno em estudo, pareceu-nos indispensável cruzar as técnicas documentais (análise dos factos noticiados na imprensa escrita e relatórios policiais), com a observação participante das claques de apoio aos clubes, durante os jogos de futebol da Primeira Liga e Taça de Portugal, coadjuvada com entrevistas posteriores aos seus responsáveis².

3. Acerca das subculturas hooligan e ultra

- 12 A subcultura *hooligan* surgiu nos anos sessenta em Inglaterra, entre *gangs* de *skinheads* das zonas urbanas mais desfavorecidas onde predominava a *street culture* associada à rixa e à

confrontação entre bairros rivais (Dunning, Murphy e Williams, 1988; Murphy, Williams e Dunning, 1994). Em meados da década de setenta, a subcultura *hooligan* ganhou também expressão junto de grupos de adeptos de futebol de outros países do Norte da Europa, nomeadamente da Bélgica, da Holanda e da Alemanha. Para Van Limbergen (1997), este facto constituiu uma forma de resistência ao comportamento desafiador dos *hooligans* ingleses, aquando das suas deslocações ao continente, por ocasião das competições internacionais.

- 13 Por seu lado, a subcultura *ultra* surgiu nos anos setenta em Itália, num contexto político de luta e crítica social, tendo estado inicialmente ligada a membros de organizações de extrema-esquerda envolvidos em lutas urbanas. Segundo Podaliri e Balestri, os *ultras* encontravam-se igualmente envolvidos em manifestações violentas, em que estaria em causa a “*opposition between a clerical-conservative vision of world (that in some particular cases could be considered almost pró-Fascism) and a vision linked to the Communist left*”, embora rapidamente a subcultura se tenha estendido a membros de organizações da extrema-direita (1998: 89-91). Muito embora em outras sociedades do Sul da Europa começassem também a surgir grupos de jovens adeptos que se foram demarcando dos tradicionais, como foi o caso português, apenas na década de noventa, como veremos mais adiante, as claque em Portugal passaram a assumir-se como portadoras da subcultura *ultra* (Marivoet 1992a/b e 2002a, AAVV 1993).

4. Estilos e formas de luta

- 14 No final dos anos setenta, os *hooligans* ingleses adoptaram o estilo *casual*, marcado pelo que alguns autores designam de ‘*fashionable style*’, associado ao uso de roupas de marcas distintas (em especial, *Armani*, *Stone Island*, *Burberrys*, *Ralph Lauren*, *Lacoste*). No início dos anos oitenta, este novo estilo *casual* veio a ser adoptado pelos *hooligans* alemães, holandeses e belgas, entre outros. O comportamento, em público, dos *casuals* tem-se tornado discreto, distinguindo-se dos *oldfashioned skinheads hooligans*, e também dos tradicionais adeptos ingleses – conotados com o uso excessivo de insígnias nacionais, as palavras de ordem e os cânticos –, que tendem a observar com distanciamento, apostando na premeditação estratégica, e recorrendo às novas tecnologias para marcação das suas acções de confrontação, com especial pendor para a luta *corpo a corpo* (Armstrong 2000, Armstrong e Young 2000, Armstrong e Giulianotti 2001, Brimson 2003).
- 15 Já os *ultras* apostam fortemente na identificação exterior, envergando vestuário, que comercializam, com as designações das suas organizações (em especial, os cachecóis), com ou sem a designação ‘*ultra*’ ou da marca comercializada de nome ‘*hooligan*’, ou mesmo as insígnias do clube de pertença. No ambiente de excitação e de paródia com que assistem aos jogos, investem numa imagem ‘*dura*’, por vezes ritualizada nos efeitos de ‘*movimentação*’ ou de ‘*mosh*’, ou mesmo nos efeitos sonoros e visuais da detonação de engenhos pirotécnicos (*flares/fi reworks*).
- 16 Os *ultras* tendem, também, a entrar na confrontação num espírito de grupo, quando afrontados, ainda que, regra geral, todos prezem a hostilização mútua, mas será sobretudo o momento que cria a oportunidade da luta, e que regra geral não a deixam perder, já que se sentem impelidos a vingar a honra das *cores* que defendem. Também apresentam uma maior tendência para utilizar formas de violência difusa, ao estilo da ‘*guerrilha urbana*’ (ataque em retirada, arremessos e outras acções de vandalismo),

podendo encetar estes comportamentos por retaliação, em espaços e tempo posteriores e, deste modo, premeditarem-nos, como os *hooligans/casuals*, embora sejam menos propensos à rixa propriamente dita, que implica o chamamento à luta *corpo a corpo* como *leitmotiv*, que parece ser a preferência dos *casuals hard core*³.

- 17 Apesar da confrontação entre *hooligans/casuals* e *ultras* ser uma realidade possível, os acontecimentos no UEFA Euro 2004 evidenciaram que as diferentes formas de violência utilizadas e os contextos a que a ela recorrem criam dificuldades na sua ocorrência. Contudo, como foi o caso dos incidentes na estação do metro Baixa-Chiado antes do jogo Croácia-Inglaterra, podem dar azo a contextos e formas de violência premeditados por parte dos *ultras*, como que em resposta a provocações ou chamamentos para a luta por parte dos *hooligans/casuals*, tal como concluímos na nossa investigação sobre as práticas de violência durante a fase final do torneio em Portugal, inserida numa análise sociológica do acolhimento e impacto do UEFA Euro 2004 (Marivoet 2006a/b, 2007, 2008)⁴.
- 18 Uma das características que tem merecido o destaque nas investigações sobre a subcultura *ultra* é a diferença quanto ao grau de organização entre esta e a *hooligan* na sua versão *casual* (Marivoet 1992a/b, 1998, 2002a; AAVV 1993, Podaliri e Balestri 1998, Roumestan 1998, AAVV 1999a, Almeida 1999a/b, Hourcade 2002). Enquanto os últimos tendem a agir em *gangs* pouco estruturados, em que a liderança se exerce na premeditação de actos de violência dirigidos à confrontação com grupos rivais e nas façanhas aí conseguidas, os *ultras* encontram-se associados em organizações que são dirigidas por uma direcção representada por um líder máximo ou presidente, por conseguinte com organização explícita no interior do associativismo desportivo (Dunning *et al.* 1988, Armstrong 2000, Dunning 1999, Dunning *et al.* 2002, Williams 2002, Bairner 2002, Dwertmann e Rigauer 2002).
- 19 Ainda que a maioria dos autores concorde que existem duas subculturas distintas no futebol – a *hooligan/casual*, de origem inglesa, predominante no Norte da Europa, e a *ultra*, de origem italiana, comum nos países do Sul, como temos vindo a referir –, com diferentes formas de organização, com comportamentos esperados e formas de violência típicas, o uso do termo '*hooliganismo*' como sinónimo de violência provocada por adeptos de futebol, encontra-se bastante enraizado, essencialmente nos meios académicos ingleses e, em geral, nos institucionais (Bromberger 1997, Podaliri e Balestri 1998, Roumestan 1998, Marivoet 1992a/b, 1998, 2002a/b, Mignon 2002).
- 20 Parece-nos, pois, tratar-se de uma generalização abusiva da realidade, no quadro de uma Europa multicultural, assim como um termo pouco esclarecedor, tanto mais que os comportamentos de violência no futebol não se encontram circunscritos aos membros das duas subculturas de origem europeia, continuando uma boa parte da violência a ser protagonizada pelos adeptos 'tradicionais' (no sentido de não se integrarem nas novas subculturas de adeptos *hooligan/casual* ou *ultra*) das diferentes sociedades, tal como várias investigações têm vindo a concluir (Lassalle 1997, Dunning *et al.* 2002, Marivoet 1989, 1992a, 1999, 2002a/b e 2007).
- 21 Segundo as estatísticas das ocorrências em recintos desportivos elaboradas pelas forças de segurança, iniciadas em 1978 pela GNR, a que se juntaram as da PSP em 1987, pudemos identificar três ciclos de crescimento dos incidentes (v. Quadro 1).

Quadro 1. – Tendências do crescimento percentual dos incidentes de violência nos espectáculos desportivos (1978-2000)

	1978-1983	Médio Anual	1984-1986	Médio Anual	1987-1989	Médio Anual	1993-2000	Médio Anual
Jogos com incidentes	71	11,3(8)	-4	-2,3(6)	-8	-4,0(1)	17	2,2(6)
Incidentes por jogo	158	20,8(4)	-28	-15,0(6)	3	1,4(6)	32	3,9(9)

FONTE: RELATÓRIOS DAS FORÇAS DE SEGURANÇA – GNR E PSP (CÁLCULOS NOSSOS).

- 22 Apenas com as ocorrências da GNR como acima referimos, o primeiro ciclo, entre 1978 e 1983, marcou-se por um aumento de violência nos jogos desportivos (+71 %, numa média anual estimada em +11 %), a que se seguiu um segundo decréscimo até 1989 e depois de um período de fortes oscilações, no início dos anos noventa, pudemos identificar um terceiro ciclo, entre 1993 e 2000, em que se voltou a impor a tendência de crescimento. Até ao fim do segundo ciclo, a esmagadora maioria dos incidentes teve lugar em jogos de futebol (de 11), que reuniu 99% das ocorrências registadas pelas forças de segurança. Como elucida o Gráfico 1, este valor diminuiu no início dos anos noventa, para 89 % e, em 2000, para 78 %. No entanto, nos restantes 22 % de jogos com incidentes em 2000, 12 % foram de futebol (de 5), e 2 % de futebol de salão, donde apenas 8 % se distribuíram pelo hóquei em patins (3 %), andebol (2,5 %), basquetebol (2 %) e hóquei em campo (0,3 %), embora se trate de modalidades pouco praticadas, quando comparadas com o futebol.

Gráfico

Fonte: Relatórios das forças de segurança- GNR e PSP

5. Adesão das claques portuguesas à subcultura ultra

- 23 Na segunda metade dos anos setenta assistiu-se ao surgimento de claques organizadas de adeptos de futebol, com a fundação da *Juve Leo*, em 1976, no Sporting, a que se seguiram a formação dos *Diabos Vermelhos*, no Benfica, e os *Dragões Azuis*, no FC Porto, embora só

tenham vindo a ser reconhecidas pelos seus respectivos clubes em 1982. Em meados dos anos oitenta, assistiu-se à formação de claques em outros clubes (em 1984 as *Panteras Negras* no Boavista, e a *Fúria Azul* no Belenenses; em 1985, a *Mancha Negra* na Académica e a *Alma Salgueirista* no Salgueiros; em 1986, a *Raça Benfi quista* no Benfi ca, a *Juventude Bracarense* no Sp. Braga, e os *Furacões Sadinos / VIII Exército* no V. Setúbal) e, também, a cisões no interior das já existentes, como, por exemplo, a que originou a *Torcida Verde*, fundada no Sporting, em 1984, por um grupo de dissidentes da *Juve Leo*.

- 24 Em meados dos anos oitenta, os graves incidentes de Heysel Park, em 1985, alertaram a comunidade internacional e nacional para a necessidade de se tomarem medidas com vista à prevenção da violência no desporto, em especial em jogos de futebol, tendo-se assistido, no caso português, à tentativa de controlo das claques por parte dos maiores clubes (Marivoet 1992a/b). Neste contexto, um grupo de dissidentes dos *Dragões Azuis* fundou, em 1986, os *Super Dragões*, que, a partir de 1992, passou a ser a claque oficial do FC Porto com a extinção da primeira, ano em que surgiram, por dissidência dos *Diabos Vermelhos*, os *No Name Boys* no Benfica.
- 25 Desde o início dos anos noventa, como atrás referimos, que a maioria das claques portuguesas se assumiu como *ultras*, continuando-se a assistir ao surgimento de novas claques, como, por exemplo, no V. Guimarães os *Insane Guys* (1995) e *White Angels* (1999), por cisão dos *Super Dragões*, o *Colectivo Curva Norte* (1995), por cisão dos *Diabos Vermelhos*, o *Grupo Manks* (1996), no Farense os *South Side Boys* (1999), no Sp. Braga os *Red Boys* (1999), no Beira-Mar os *Ultra Auri-Negros* (2000), e, por cisão da *Juve Leo*, o *Directivo Ultras XXI* (2002) e o *Grupo 1143* (2003)⁵. Em 2003, identificámos 44 claques organizadas em clubes da Liga principal e restantes competições de futebol, 43 das quais claques assumidamente *ultras*⁶.
- 26 Independentemente da adesão à subcultura *ultra*, as claques portuguesas foram afirmando uma nova forma de *estar e ver* futebol e, por isso, demarcando-se dos tradicionais adeptos que nem sempre foram aceitando esta afirmação diferencial. Durante os anos oitenta, foi-se assistindo a pequenas rixas nas bancadas entre os membros das claques e os adeptos 'tradicionais' que, incomodados com a sua forma de *ver e estar* no futebol, foram mostrando a sua repulsa, de resto, respondida em igual medida pelos membros das claques (Marivoet 1992a/b). Já no final da década de noventa, a realidade observada sugeria uma maior aceitação de ambas as partes, o que nos levou a concluir que se terá veri-
- 27 ficado uma institucionalização da subcultura *ultra* nos estádios de futebol, de resto, como se tornou visível no tipo de apoio prestado nos jogos da selecção durante o Euro 2004 (Marivoet, 2006a/b), ainda que este facto não signifi que a real aceitação das claques, ou mesmo da designada mentalidade *ultra*.
- 28 A *mentalidade ultra*, que marca a afiliação à respectiva subcultura de adepto, transporta em si valores de identidade exacerbados, de entrega total ao colectivo clubístico, de defesa das *cores* do clube até às últimas consequências, ao mesmo tempo que desenvolve uma cultura de demarcação provocatória dos demais, como bem expressam os seus cânticos transcritos no Quadro 2:

Quadro 2. – Cânticos de glorificação e entrega ao clube

<i>Juve Leo</i>	<i>Juntos vamos vencer, Tu és a nossa fé Sempre até morrer Força Sporting álea</i>
<i>Diabos Vermelhos</i>	<i>Benfica, gritamos o teu nome, Somos Diabos até morrer, Benfica vamos lutar, Para glorificação nacional Força Benfica, álea, álea</i>
<i>Panteras Negras</i>	<i>Boavista, Força Boavista Vamos vencer Cantaremos até morrer</i>
<i>Super Dragões</i>	<i>Deixei a namorada O emprego deixei Para te dizer, Porto Que sempre te amarei Nós somos os Super Dragões, Super Dragões até morrer!</i>

- 29 Paralelamente, os seus membros transportam uma forte incorporação dos valores tradicionais masculinos, que impelem ao resgate da honra, quando esta é ameaçada, encontrando-se assim os ingredientes para a confrontação violenta entre as partes, já que, assumidamente, provocam e ao mesmo tempo se sentem impelidos a ripostar as afrontas que recebem, tal como várias investigações têm vindo a concluir (Marivoet 1992a/b e 2002a/b, Podaliri e Balestri 1998, Roumestan 1998, Hourcade 2002). Elucidativas são as palavras de ordem de provocação e ofensa entre as claques mais rivais (v. Quadro 3), onde os impropérios usuais tendem a minimizar a virilidade e a honra masculina.

Quadro 3. – Cânticos de provocação às claques adversárias

Super Dragões	<p><i>Em cada No Name há um cabrão Ninguém vos ouve, Ninguém vos escuta, No Name, filhos da puta</i></p> <p><i>No Name gays</i></p> <p><i>Eu vi um No Name a correr Com um caralho no cu a bater Quanto mais o No Name corria Mais o caralho no cu lhe batia</i></p> <p><i>A Juve é merda a Juve é merda Juve Juve, filhos da puta</i></p>
Panteras Negras	<p><i>Em cada No Name há um cabrão, Ninguém vos ouve, Ninguém vos escuta, No Name, filhos da puta</i></p>
Diabos Vermelhos	<p><i>Filhos da puta, Juve é só merda</i></p> <p><i>Ninguém vos ouve, ninguém vos escuta Super Dragões, filhos da puta</i></p> <p><i>Panteras chungas</i></p>
No Name Boys	<p><i>Juve merda</i></p> <p><i>Ninguém vos ouve, Ninguém vos escuta, Super Dragões, filhos da puta</i></p> <p><i>Ninguém vos ouve, Ninguém vos escuta, Panteras Negras, filhos da puta</i></p>
Juve Leo	<p><i>No Name Gays A puta, a puta, a puta da vossa mãe</i></p> <p><i>Ninguém vos ouve, Ninguém vos escuta, Super Dragões, filhos da puta</i></p>

- 30 Certamente que a incorporação destes valores aumenta de forma exacerbada o mimetismo da luta representada num jogo de futebol, como muito bem anotaram Elias e Dunning (1986), criando-se facilmente as condições para o surgimento de confrontações e hostilidades entre claques e entre estas e os adeptos dos clubes rivais, dentro e fora dos estádios.

6. Hostilidades entre clubes e acção violenta das claques

- 31 A violência que se foi manifestando no desporto português, em especial nos jogos de futebol, sugere o aumento da tensão dos jogos decorrente da intensificação da competição desportiva, mas também o agravamento das desconfianças em torno da justiça assegurada nos campeonatos. Se tivermos presente, que os adeptos de futebol são constituídos por públicos masculinos fortemente identificados com o estereótipo tradicional de masculinidade que os impele à vingança quando afrontados (ao resgate da honra ameaçada), e que a dimensão mimética dos jogos comporta elevados níveis de provocação reforçada pela excitação vivenciada em vastos colectivos masculinos, e em particular nos meios da subcultura *ultra* onde tudo tende a ser hiperbolizado, compreende-se que as *solidariedades mecânicas* (laços entre semelhantes portadores de valores comuns) sejam accionadas em cada parte em disputa, vendo-se assim reforçados os níveis de coesão tanto quanto maior o clima de oposição-confrontação, tal como tínhamos sugerido numa das nossas hipóteses de investigação. Neste contexto, a exaltação dos ânimos (ou o afrouxamento dos estados de autocontrolo regulares) tem, não raras vezes, dado lugar a manifestações de violência, tal como evidenciam as estatísticas das ocorrências das forças

de segurança que suportaram a nossa análise e que se revelaram uma excelente fonte de informação como vimos⁷.

- 32 Muito embora a informação ao nosso dispor sugira que as claques *ultras* foram acompanhando de forma atenta as relações institucionais dos seus respectivos clubes – *solidariedades orgânicas* na acepção de Durkheim (1977a [1893]), isto é, acordos baseados na interdependência funcional dos indivíduos –, honrando inclusive os acordos assumidos entre os presidentes ou o que designámos de *solidariedades contingentes* (alianças de indivíduos com interesses estratégicos de curta durabilidade), como aconteceu no caso do “pacto de não agressão” entre os *Super Dragões* e a *Juve Leo*, por ocasião do acordo entre o FC Porto e o Sporting, na época de 1993/1994, os factos sugerem que as *vivências* entre as claques adquiriram a sua própria autonomia.
- 33 Se as respostas às provocações entre as claques rivais assumiram a forma de confrontos violentos, a partir dos anos noventa, também se assistiu a acções de retaliação por parte dos adeptos ‘tradicionais’, igualmente portadores da tradicional cultura masculina, que os impele a resgatar a honra, quando esta é afrontada, como muito bem elucidou Bourdieu (1999b). Os casos analisados mostram como, no final dos anos oitenta e primeiros da década de noventa, os membros das claques chegaram a ser selvaticamente perseguidos e agredidos por adeptos ‘tradicionais’ de clubes rivais, denotando um novo foco de conflitualidade emergente da afirmação da subcultura *ultra* no tecido associativo português.
- 34 A informação ao nosso dispor sugere, ainda, que algumas das claques *ultras*, apesar de terem constituído um foco de conflitualidade e de quebra de cooperação, não terão contribuído para a instalação das hostilidades que se foram manifestando entre os clubes mais concorrentes do campeonato nacional de futebol. Os factos sugerem que as relações de hostilidade foram sendo empreendidas pelos respectivos elencos directivos dos clubes, tendo as claques vindo a corporizá-las de forma autónoma e violenta, sem que daí tivesse resultado qualquer agravamento das mesmas. A este propósito são elucidativas as posições que foram sendo tomadas pelos dirigentes desportivos, principalmente na segunda metade dos anos noventa, em que, apesar de condenarem e de se demarcarem das práticas de violência das claques, terão desvalorizado os incidentes provocados pelas mesmas afectas aos seus clubes, em detrimento da sobrevalorização dos cometidos pelas dos clubes rivais, aproveitando-os, regra geral, como argumento de acusação.
- 35 De facto, os dados ao nosso dispor levam-nos a concluir que os dirigentes não se terão sentido ofendidos com os seus congéneres devido aos actos de violência que as suas claques infligiam aos seus clubes, património ou associados, tendo-se tratado mais da utilização dos factos como argumentos fáceis, que terão sido usados de forma estratégica e, por vezes, sujeita a simulações no quadro de acusações mútuas que marcou a época, de resto, comportamentos que espelham a actual tendência na esfera das relações de poder ou negociação, como alguns autores têm realçado (Goffman 1993 [1956], Giddens 1994 e 1995, Crozier e Friedberg 1977, Mintzberg 2004).

7. Formas e palcos de violência

- 36 Tanto quanto pudemos concluir pela análise dos factos, as práticas de violência de algumas das claques *ultras* foram assumindo um curso autónomo, em que as lutas travadas se tornaram igualmente o *leitmotiv* nas mobilizações para novas confrontações, de resto uma característica que marca as subculturas de adeptos, quer se trate da *ultra*

quer da *hooligan* (e.g. Podaliri e Balestri 1998, Roumestan 1998, Armstrong 2000, Armstrong e Giulianotti 2001, Dunning *et al.* 2002). Compreende-se, pois, como as tentativas de aproximação das claques se tornaram ineficazes, como foi o caso do ‘protocolo de colaboração’, promovido na época de 1994/1995 pelo então presidente da Câmara Municipal de Lisboa, entre as claques dos maiores clubes da cidade (*Juve Leo*, *Torcida Verde*, *Diabos Vermelhos*, *No Name Boys* e *Fúria Azul*).

- 37 Elucidativas desta realidade são as formas de violência que ganharam expressão durante os anos noventa, nomeadamente as agressões selváticas nas designadas ‘*esperas*’, como foi o caso dos três jogadores do FC Porto, por ocasião do Benfica – FC Porto de 1996/1997 em hóquei em patins, e o do jovem da *Juve Leo* agredido depois do Estrela da Amadora – FC Porto de 1998/1999, mas também os apedrejamentos das viaturas que transportavam os membros das claques, adeptos ou associados, ou mesmo as comitivas das equipas adversárias, e as vandalizações do património dos clubes rivais, em que se destaca o arranque massivo dos assentos que cobrem as bancadas.
- 38 A hostilidade que algumas claques demonstram atribuir aos territórios dos clubes rivais, em que se incluiu igualmente a localização geográfica, torna-se ainda visível nas vandalizações aquando das deslocações, constituindo, também, uma das formas de violência adoptadas, que foi ganhando autonomia face aos desenvolvimentos dos campeonatos ou, por outras palavras, às relações institucionais que foram sendo assumidas pelos dirigentes dos clubes da Primeira Liga mais concorrentes ao título.
- 39 O protagonismo assumido por membros de claques na liderança de práticas de violência foi suscitando um forte repúdio da opinião pública, em geral, e da desportiva, em particular, especialmente a partir do fatídico acontecimento na final da Taça de Portugal de 1995/1996, em que um adepto sportinguista perdeu a vida devido a um engenho explosivo (*very light*) lançado por um elemento dos *No Name Boys* (claque afecta ao Benfica)⁸. Este incidente veio a suscitar um movimento de repúdio público com pedidos de reforço das medidas de controlo e prevenção, tendo o Estado voltado a intervir com a promulgação de nova legislação (Lei n.º 8/97, de 12 de Abril e Lei n.º 38/98, de 4 de Agosto).
- 40 De entre as medidas de segurança introduzidas no novo quadro legal, encontrava-se o incremento da vigilância nos estádios através de CCTV, a introdução de policiais à civil (*spotters*) no seio dos adeptos e maior controlo na
- 41 identificação dos membros das claques⁹, de resto, procedimentos que vinham a ser recomendados nas instâncias de concertação intergovernamental, no espaço do Comité Permanente da *Convenção Europeia sobre a Violência e os Excessos dos Espectadores por Ocasão das Manifestações Desportivas e nomeadamente de Jogos de Futebol* e, também, do Conselho Europeu (JO C 193 de 24.6.1997), tendo esta legislação sido revista de modo a reforçar-se a segurança por ocasião da preparação do Euro 2004 (Lei n.º 16/2004, de 11 de Maio) e, recentemente, pela Lei n.º 39/2009, de 30 de Julho.
- 42 A nova lei, que produz efeitos a partir da presente época desportiva de 2009/2010, reforça os mecanismos de controlo dos grupos organizados de adeptos, nomeadamente, a aplicação de sanções ao promotor do espectáculo desportivo que apoie a existência dos mesmos sem a sua constituição enquanto associações nos termos da legislação aplicável ou no âmbito do associativismo juvenil, ou apoie os seus membros em número superior ao registado.

- 43 Contudo, estas medidas preventivas dos incidentes de violência nos estádios tendem a provocar a deslocação das ocorrências para fora dos estádios, tal como se vinha já a registar, abrindo-se, assim, espaço ao surgimento de práticas de violência mais difusas e pouco previsíveis, por vezes assumindo formas de retaliação, suscitando pânico e sentimentos de insegurança, a par do aumento dos confrontos com as próprias forças policiais¹⁰. De resto, esta realidade tem vindo a ser constatada, por vários autores, como sendo o resultado de processos dinâmicos, em articulação com as medidas de segurança e estratégias policiais (Stott *et al.* 2001, Adang e Cuvelier 2001, Dunning *et al.* 2002, Marivoet 2006a).

8. Reforço da coesão em contextos de demarcação-oposição

- 44 O reforço da coesão no seio das claques foi-se, também, manifestando quer de forma simbólica, quer nas acções de violência. Os rituais de mobilização das claques comportam, regra geral, manifestações de demarcação provocatória e de hostilidade, accionando *solidariedades mecânicas* que garantem a coesão dos colectivos para o apoio, a afronta ou a luta. Estas manifestações tendem a ser orquestradas por palavras de ordem (v. Quadro 4), que dão expressão à diluição do *eu* no *nós*.

Quadro 4. – Cânticos de incitamento à afirmação e coesão da claque por demarcação

	Afirmação	Demarcação
V. Guimarães	<i>Querem saber quem nós somos? Pois vamos vos dizer: Somos os Insane Guys Somos os White Angels, álea, aléa</i>	<i>E quem não salta é tripeiro E quem não bate palmas é tripeiro E quem não bate palmas é marroquino, marroquino</i>
FC Porto	<i>Quem bate palmas, é tripeiro, é tripeiro, é tripeiro // E quem não bate palmas não é tripeiro Quem nós somos? Quem quer saber? Nós vamos dizer: Nós somos os Super Dragões, Super Dragões até morrer</i>	<i>Quem não salta é lampião</i>
Boavista	<i>E quem não salta não é tripeiro E quem não bate palmas não é tripeiro Panteras Negras</i>	<i>Quem não salta é lampião</i>
Benfica	<i>Todos querem saber quem nós somos. Nós vamos dizer quem nós somos: Diabos Vermelhos até morrer Quem somos nós? Quem quer saber? Nós vamos dizer: Somos os No Name No Name, No Name até morrer</i>	<i>E quem não salta é lagartão, uuu E quem não bate palmas é lagarto E quem não bate palmas é tripeiro E quem não salta é tripeiro</i>
Sporting	<i>Juve Leo, Juve Leo, Juve Leo Juve Leo, Juve Leo, Juve Leo Juve Leo, Juve Leo, Juve Leo Juve Leo Juve Leo</i>	<i>E quem não salta é tripeiro E quem não salta é lampião</i>

- 45 Certamente que as claques portuguesas portadoras da subcultura *ultra*, ao assumirem as suas duas facetas indissociáveis, se têm vindo a tornar incompreensíveis para muitos. Por um lado, como vimos, encontra-se o apoio fervoroso e incansável que assiduamente prestam às suas equipas ao longo dos campeonatos, como o elucidam os aplausos que recebem regra geral dos jogadores no final dos jogos, assim como o esforço por estimular

as assistências dos estádios, de modo a recriar-se um colorido de cor e *exaltação*, que nos parece contribuir para o reforço dos elos de ligação e cooperação dos associados; por outro, surgem na liderança de práticas de hostilidade violenta em termos quer simbólicos, quer reais, tal como temos vindo a referir, colocando em evidência manifestações de intolerância e quebra de cooperação explícita no espaço desportivo.

- 46 Embora os membros da maioria das claques portuguesas sejam portadores de uma subcultura, que transporta valores que os predispõem para a luta simbólica ou explícita, têm vindo, igualmente, a utilizar os meios institucionais na defesa dos seus interesses, como sejam a salvaguarda da imagem *ultra*, os protestos contra o preço dos bilhetes e crítica à acção fortemente repressiva das forças policiais, assim como a participação em plataformas de diálogo ou compromisso, ainda que frágeis ou de fraca durabilidade¹¹¹.
- 47 Desde meados dos anos noventa que, ao nível internacional, a *Football Supporters International network* (FSI) tem vindo a assumir um papel de promoção e reivindicação dos direitos dos adeptos junto de entidades oficiais e das organizações desportivas internacionais, em particular da FIFA, assim como a promover o bom acolhimento (*good-hosting*) dos adeptos em deslocação. Em 2008, assistiu-se, igualmente, à criação da associação independente *Football Supporter's Europe* (FSE), que conta com adeptos portugueses de claques *ultras*. Também, tendo em vista a maior proximidade das organizações desportivas e os seus adeptos, nomeadamente a criação de plataformas de auscultação e diálogo, merece destaque, no caso português, a recente instituição da figura do *Provedor do Adepto de Futebol* pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional (LPFP), com entrada em função justamente no início da presente época desportiva de 2009/2010.

9. Apontamento Final

- 48 Nos anos noventa assistiu-se ao agravamento da violência protagonizada por algumas das claques *ultras*, em particular dos clubes mais concorrentes ao
- 49 título da Primeira Liga. Os factos sugerem que algumas das claques terão chamado a si a missão de defesa (ou de *guardiãs*) das *cores* dos seus clubes até às 'últimas consequências', incorporando, assim, as rivalidades hostis decorrentes das fortes desconfianças entre *uns* e *outros*, à medida que iam sendo produzidas pelos respectivos dirigentes e veiculadas pelos *media*. Quando as relações institucionais entre os clubes se marcaram pelo que designámos de *solidariedades contingentes*, também se assistiu a idêntico procedimento por parte das respectivas claques. Porém, o desenvolvimento dos acontecimentos sugere que se assistiu à autonomia das hostilidades violentas entre algumas claques face aos desenvolvimentos dos campeonatos.
- 50 Os factos analisados sugerem, ainda, que a sua acção violenta, manifesta em agressões a adeptos de clubes rivais ou ao seu património (ou com proximidade geográfica), ou mesmo em emboscadas (no meio, designadas de '*esperas*') e em rixas que travaram entre si, não terão contribuído para o agravamento da quebra de cooperação entre os clubes, ainda que tais acções tenham vindo a ser aproveitadas pelos dirigentes nos sucessivos argumentos ora de ataque, ora de defesa na *praça pública*, com especial incidência na segunda metade da década de noventa.
- 51 No desenvolvimento das hostilidades violentas entre algumas das claques, foi-se assistindo ao agravamento das formas de violência, em alguns casos revelando-se de extrema brutalidade e com trágicas consequências. A incorporação dos valores

tradicionais do estereótipo tradicional de masculinidade associada à *mentalidade ultra*, de *adepto devoto e militante*, terá criado as condições para

- 52 o agravamento da violência no seio de algumas claques e, deste modo, as lutas travadas ter-se-ão constituído o *leitmotiv* para a reprodução autónoma das rivalidades violentas em acções accionadas por *solidariedades mecânicas*, realidade que se tem vindo, igualmente, a manifestar em outras sociedades, quer se trate da subcultura *ultra*, quer da *hooligan* na sua versão *casual* (Marivoet 1992a/b, 2002a/b e 2006a, Podaliri e Balestri 1998, Roumestan 1998, Armstrong 2000, Armstrong e Giulianotti 2001, Dunning *et al.* 2002, Hourcade 2002).
- 53 Tanto quando nos é possível concluir dos estudos realizados, a compreensão da violência associada às subculturas de futebol, em particular a *ultra*, não pode ser dissociada da seriedade com que este se reveste aos olhares dos adeptos, assim como dos fortes investimentos emocionais produzidos em torno da defesa do clube e das equipas, onde os envoltimentos assumem *raisons-d'être*, tal como concluíram Dunning, Murphy e Waddington (2002b), ao reunirem as várias colaborações à obra *Fighting Fans*, em que, igualmente, participámos (Marivoet, 2002a). A observação dos factos sugere, ainda, que o envolvimento dos adeptos de futebol inseridos nas claques *ultras* é marcado pelo reforço da coesão de grupo ou o que Giulianotti (2002: 31) designa de '*thick solidarity*'. Parece-nos que esta coesão solidária assenta no sentimento de partilha, de *religare*, na acepção de Maffesoli (1988), que, regra geral, se consubstancia em *solidariedades mecânicas*, de *todos por um (clube) e um por todos (claque)*, seja na mobilização para o apoio, como para a luta.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1993), "La Violence Associée au Sport au Portugal. Investigation Multinationale Comparative du Conseil de L'Europe sur le Hooliganisme dans le Football", Lisboa: Instituto do Desporto.
- AAVV (1996a), "Manière de voir 30. Le Sport c'est la Guerre", *LE MONDE Diplomatique*, Mai.
- ARMSTRONG, G. (2000), *Football Hooligans. Knowing the score* (2), Oxford: Oxford International Publishers.
- ARMSTRONG, G. e M. Young (2000), "Fanatical Football Chants: Creating and Controlling the Carnival", in G. Finn and R. Giulianotti (eds), *Football Culture. Local Contexts, Global Visions*: 173-211, Londres: Frank Cass.
- ARMSTRONG, G. e R. Giulianotti (orgs) (2001), *Fear and Loathing in World Football*, Oxford: Oxford International Publishers.
- ASTRINAKIS, A. (2002), "Subcultures of hard-core fans in West Attica: an analysis of some central research findings", in E. Dunning *et al.* (orgs), *Fighting Fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon*: 88-105, Dublin: University College Dublin Press.
- BAIRNER, A. (2002), "The dog that didn't bark? Football hooliganism in Ireland", in E. Dunning *et al.* (orgs), *Fighting Fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon*: 118-130, Dublin: University College Dublin Press.

- BONIFAZI, C. e A. Mussino (1997), “Sports and multi-ethnic integration: social and population dynamics and attitudes in the sporting community”, in P. Nardis, A. Mussino e N. Porro (orgs), *Sport: Social Problems Social Movements. Contributions to the 12th International Seminar of the International Sociology of Sport Association*: 58-66, Roma: Edizioni Seam.
- BOURDIEU, P. (1999), *A Dominação Masculina*, Oeiras: Celta Editora.
- BRIMSON, D. (2003), *Eurotrash. The Rise and Rise of Europe's Football Hooligans*, Londres: Headline Book Publishing.
- BROHM, J.-M. (1992), *Sociologie politique du sport* (2), Nancy : PUN.
- BROHM, J.-M. e M. Perelman (2006), *Le football, une peste émotionnelle: La barbarie des stades*, Paris : Éditions Gallimard.
- BROMBERGER, C. (1997), “Formes et sens de la passion partisane chez les ultras du football”, in M. Comeron (dir.), *Quels supporters pour l'an 2000 ? Sport, foot et violence. Comment gérer le phénomène ?*: 17-31, Bruxelles: Éditions Labor.
- CARRINGTON, B. (1998), “ ‘Football's coming home' but whose home? And do we want it?: nation, football and the politics of exclusion”, in A. Brown (org), *Fanatics, power, identity and fandom in football*: 101-123, London: Routledge.
- COMERON, M. (dir.) (1997), *Quels supporters pour l'an 2000 ? Sport, foot et violence. Comment gérer le phénomène ?*, Bruxelles: Éditions Labor.
- CROZIER, M. e E. Friedberg (1977), *L'Acteur et le système*, Paris: Seuil.
- DIMEO, P. e G. Finn (1998), “Scottish racism, Scottish identities: the case of Partick Thistle”, in A. Brown (org), *Fanatics, power, identity and fandom in football*: 124-138, London: Routledge.
- DUNNING, E. (1999), *Sport Matters. Sociological Studies of Sport, Violence and Civilization*, Londres: Routledge.
- DUNNING, E., P. Murphy e J. Williams (1988), *The Roots of Football Hooliganism*, Londres: Routledge.
- DUNNING, E., P. Murphy, I. Waddington e A. E. Astrinakis (eds) (2002), *Fighting Fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon*, Dublin: University College Dublin Press.
- DUNNING, E., P. Murphy e I. Waddington (2002a) “Towards a sociological understanding of football hooliganism as a world phenomenon”, in Eric Dunning et al. (orgs), *Fighting Fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon*: 1-22, Dublin: University College Dublin Press.
- DUNNING, E., P. Murphy e I. Waddington (2002b), “Towards a global programme of research into fighting and disorder at football”, in E. Dunning et al. (orgs), *Fighting Fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon*: 218-224, Dublin: University College Dublin Press.
- DURKHEIM, É. (1977a [1893]), *A Divisão do Trabalho Social* (1^a vol.), Lisboa: Editorial Presença.
- DURKHEIM, É. (1977b [1893]), *A Divisão do Trabalho Social* (2^a vol.), Lisboa: Editorial Presença.
- DWERTMANN, H. e B. Rigauer (2002), “Football hooliganism in Germany: a developmental study”, in Eric Dunning et al. (orgs), *Fighting Fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon*: 75-87, Dublin: University College Dublin Press.
- ELIAS, N. (1980), *Introdução à Sociologia*, Lisboa: Edições 70.
- ELIAS, N. e DUNNING, E. (1986), *Quest for Excitement. Sport and Leisure in the Civilising Process*, Oxford: Blackwell.

- FINN, G. P.T. e R. Giulianotti (eds) (2000), *Football Culture. Local Contests, Global Visions*, London: Frank Cass.
- GALLAND, O. (1991), *Sociologie de la Jeunesse. L'entrée dans la vie*, Paris: Armand Colin.
- GIDDENS, A. (1994), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras: Celta Editora.
- GIDDENS, A. (1995), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- GIULIANOTTI, R. (2000), *Football. A sociology of the global game* (2), Cambridge: Polity Press.
- GIULIANOTTI, R. (2002), "Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs. A Taxonomy of Spectator Identities in Football", *Journal of Sport & Social Issues*, Vol. 26, 1: 25-46.
- GOFFMAN, E. (1993 [1956]), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa: Relógio D'Água.
- HAHN, E. (1998), "Mudanças – O Hooliganismo no futebol nos Anos 90. Experiências e tendências no comportamento dos adeptos de futebol na Alemanha e Europa Impactos do Fair Play nesta área", in *Desporto de Alta Competição. Que Fair play?*. *Actas III Seminário Europeu sobre Fair play*: 165-171, Lisboa: Livros Horizonte.
- HOURCADE, N. (2002), "Supporterism: Ultras and World of Football", in M. Comeron e P. Vanbellinghen (coords.), *Prevention of violence in football stadiums in Europe*: 43-41, Liège: Eurofan.
- JARVIE, G. (2000), "Sport, Racism and Ethnicity", in J. Coakley e E. Dunning (orgs), *Handbook of Sports Studies*: 334-343, London: Sage.
- JOURNÈS, C. (1999), "Policing and Security: Terrorists and Hooligans", in H. Dauncey e G. Hare (orgs), *France and the 1998 World Cup: The National Impact of a World Sporting Event*: 145-160, London: Frank Cass.
- LASSALLE, J.-Y. (1997), *La Violence dans le Sport*, Paris: PUF.
- LES BACK, T. C. e SOLOMOS, J. (1998), "Racism in football: patterns of continuity and change", in Brown (org), *Fanatics! Power, identity and fandom in football*: 87-100, Londres: Routledge.
- MAFFESOLI, M. (1988), *Le temps des tribus. Le déclin de l'individualisme dans les sociétés post-modernes*, Paris: La Table Ronde.
- MARIVOET, S. (1989), *Evolução da Violência Associada ao Desporto em Portugal (1978-1987)*, Lisboa: DGD/ME.
- MARIVOET, S. (1992a), "Une Campagne National pour L'éthique Sportive: Bilan et perspectives. L'exemple du Portugal", *Sociologie Santé*, 7: 251-257.
- MARIVOET, S. (1992a), "Violência nos Espectáculos de Futebol", *Sociologia Problemas e Práticas*, 12: 137-154.
- MARIVOET, S. (1992b), "O Movimento das Claque em Portugal", *Horizonte*, 50, pp. 75/76.
- MARIVOET, S. (1998), *Aspectos Sociológicos do Desporto* (1), Lisboa: Livros Horizonte.
- MARIVOET, S. (1999), "Excitação e violência no desporto", *COMMUNIO*, 1, Ano XVI, pp. 55-63.
- MARIVOET, S. (2002a), "Violent disturbances in Portuguese football", in E. Dunning et al. (orgs), *Fighting fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon*: 158-173, Dublin: University College Dublin Press.
- MARIVOET, S. (2002b), "The Public at Football Stadiums/ Le public des stades de football", in M. Comeron e P. Vanbellinghen (coords), *La prévention de la violence dans les stades de football en Europe / Prevention of violence in football stadiums in Europe*, Liège: Eurofan, pp. 22-28 / 24-30.
- MARIVOET, S. (2006a), *Euro 2004™ Um evento global em Portugal*, Lisboa: Livros Horizonte.

- MARIVOET, S. (2006b), “UEFA Euro 2004™ Portugal: The social construction of a sports mega-event and spectacle”, in J. Horne e W. Manzenreiter (orgs), *Sports Mega-Events. Social Scientific Analyses of a Global Phenomenon*: 127-143, Oxford: Blackwell Publishing.
- MARIVOET, S. (2007), *Ética do Desporto – Princípios, Práticas e Conflitos. Análise sociológica do caso português durante o Estado Democrático do século XX*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Lisboa: ISCTE – IUL.
- MARIVOET, S. (2008), “Determinantes da Produção do Euro 2004 nas Manifestações de Identidade”, in Sousa, C. e J. C. Jesuino (coords.), *Identidade e Emoções em Eventos Desportivos. O caso Euro 2004*, Lisboa: Instituto Piaget, pp. 71-97.
- MIGNON, P. (1999), “Fans and Heroes”, in H. Dauncey e G. Hare (eds), *France and the 1998 World Cup: The National Impact of a World Sporting Event*: 79-97, London: Frank Cass.
- MIGNON, P. (2002), “Another side to French exceptionalism: football without hooligans?”, in E. Dunning et al. (eds), *Fighting Fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon*: 62-74, Dublin: University College Dublin Press.
- MINTZBERG, H. (2004), *Le Management. Voyage au centre des organisations* (2), Paris: Éditions d'Organisation.
- MURPHY, P., WILLIAMS, J. e DUNNING, E. (1994), *O Futebol no Banco dos Reús*, Oeiras: Celta Editora.
- PAIS, J. M. (1996), *Culturas Juvenis*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PODALIRI, C. e BALESTRI, C. (1998), “The ultràs, racism and football culture in Italy”, in A. Brown (org), *Fanatics! power, identity e fandom in football*, Londres: Routledge, pp. 88-100.
- ROUMESTAN, N. (1998), *Les Supporters de Football*, Paris: Anthropos.
- ROVERSI, A. e C. Bastestri (2002), “Italian ultras today: change or decline?”, in Eric Dunning et al. (eds), *Fighting Fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon*: 131-142, Dublin: University College Dublin Press.
- STOTT, C., HUTCHISON, P. e DRRY, J. (2001), “Hooligans’ abroad? Inter-group dynamics, social identity and participation in collective ‘disorder’ at the 1998 World Cup Finals”, *British Journal of Social Psychology*, 40, pp. 359-384.
- VAN LIMBERGEN, K. (1997), “Le hooliganism en Belgique ” in M. Comeron (dir.) *Quels supporters pour l’an 2000 ? Sport, foot et violence. Comment gérer le phénomène ?*: 75-81, Bruxelles: Éditions Labor.
- WEBER, M. (2001 [1912]), *Conceitos Sociológicos Fundamentais*, Lisboa: Edições 70.
- WILLIAMS, J. (1992), *Les Spectateurs du Football et “ Italia 90”*, Strasbourg: Conseil de l’Europe.
- WILLIAMS, J. (1997), “Grand-Bretagne et hooligans un couple infernal ?”, in M. Comeron (dir.), *Quels supporters pour l’an 2000 ? Sport, foot et violence. Comment gérer le phénomène ?*: 44-74, Bruxelles: Éditions Labor.
- WILLIAMS, J. (2002), “Hooliganism, ‘New’ Football and Social Policy in England”, in M. Comeron e P. Vanbellinggen (coords), *Prevention of violence in football stadiums in Europe*, Liège: Eurofan, pp. 31-42.
- WILLIAMS, J., DUNNING, E. e MURPHY, P. (1984), *Hooligans Abroad* (2), London: Routledge.

NOTAS

1. e.g. Murphy, Williams e Dunning 1994, Williams, 1997 e 2002, Bromberger 1997, Bonifazi e Mussino 1997, Les Back e Solomos 1998, Podaliri e Balestri 1998, Carrington 1998, Dimeo e Finn 1998, Hahn 1998, Mignon 1999, Journès 1999, Jarvie 2000, Dunning *et al.* 2002, Marivoet 2006a.
2. Foram realizadas 29 observações a onze das claques existentes, durante 17 jogos, e confirmada a existência de mais quatro em 7 jogos, num total de 25 jogos da Primeira Liga e Taça de Portugal da época desportiva de 1999/2000. Para o efeito contámos com uma equipa de cinco colaboradores. Realizámos posteriormente cinco entrevistas a líderes de claques, respectivamente, pela ordem de antiguidade da fundação, *Juve Leo*, *Diabos Vermelhos*, *Torcida Verde*, *Super Dragões* e, ainda, o então responsável do site *Ultra 12*.
3. Refira-se que, nas formas de violência dos *hooligans* durante a década de oitenta, também predominavam as acções de vandalismo nos jogos fora de casa, bem como os arremessos, entre provocações e várias hostilizações (Williams, Dunning e Murphy, 1984; Dunning, Murphy e Williams, 1988; Murphy, Williams e Dunning, 1994).
4. Nesta investigação utilizámos, igualmente, a observação participante junto de um grupo de *hooligans/ casuals* ingleses, que nos concederam a permissão para tal, e com uma equipa de sete colaboradores junto dos adeptos das diferentes selecções, a observação participante com o registo em protocolos dos incidentes antes, durante e após os jogos.
5. O Grupo 1143, dissidente da *Juve Leo* em 2003, é o único agrupamento em Portugal identificado com a extrema-direita. Refira-se que, em alguns países, nomeadamente em Espanha e em Itália, se encontram vários agrupamentos *ultras* identificados com a extrema-direita.
6. Segundo nos foi confidenciado por um responsável dos *No Name Boys*, esta claque não se considera *ultra*, tornando-se, assim, a única a demarcar-se desta subcultura de adeptos. Segundo a data da fundação, identificámos no Sporting, a *Juve Leo* (1976), a *Torcida Verde* (1984), o *Directivo Ultras XXI* (2002) e o Grupo 1143 (2003); no Benfica, os *Diabos Vermelhos* (1982), os *No Name Boys* (1992) e o Grupo *Manks* (1996); no FC Porto, os *Super Dragões* (1986) e o *Colectivo Curva Norte* (1995); no Belenenses, a *Fúria Azul* (1984); no Boavista, as *Panteras Negras* (1984) e a *Ala Dura* (2002); na Académica, a *Mancha Negra* (1985); no Salgueiros, a *Alma Salgueirista* (1985); no Famalicão, os *Fama Boys* (1990); no V. Guimarães, os *Insane Guys* (1995) e os *White Angels* (1999); no V. Setúbal, os *Furacões Sádicos / VIII Exército* (desde 1986, embora com várias mudanças e aparições); no Fafe, os *Fighters Boys* (1995); no Felgueiras, os *No Stop Boys* (1995); no Santa Clara, os *Santa Canalha* (1998) e os *Ultras Santas* (1999); no Farense, os *South Side Boys* (1999), no Sp. Braga, os *Red Boys* (1999); no Portimonense, os *Marafados* (2000), no Beira-Mar, os *Ultra Auri-Negros* (2000); no FC Marco, os *Tuff Boys* (2000). A partir de 2000, terão sido formados, ainda, os *Ultras Black Boys / Brigada Negra*, no Ac. Viseu; os *Espírito Azul*, no Amora; os *Moscainights*, no Olivais e Moscavide; os *Bad Boys*, no Oliveirense de Famalicão; os *Green Devils*, no Moreirense, a *Brigada Tricolor*, no Amadora; os *Cellos Union*, no Barcelos; a *Brigada Alvinegra*, no Póvoa; os *Templários*, no N. Madeira (com aparições já nos anos oitenta); a *Frente*, no Leiria; a *Frente Leixonenense*, no Leixões; os *Ultras Montijo*; os *Ultras de Loures*; o Grupo *Ultra do Estoril*; a *Curva Alvinegra*, no Caldas; a *Fúria Verde* de Santiago; e os *Ultras União*, do Micaelense.
7. Em 2000, 1,2 % dos jogos policiados no território continental e regiões autónomas registaram incidentes de violência, com especial destaque para as zonas urbanas à volta das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, que reuniram 69 % dos casos, com uma incidência de 1,3 %. Elucidativa desta realidade é, também, a incidência dos jogos com actos de violência por áreas de actuação das forças de segurança, estimada no mesmo ano, respectivamente, em 1,5 % e 1 % na da PSP (urbana) e na da GNR (rural).

8. O membro dos *No Name Boys* responsável pelo lançamento do fatídico *very light* foi detido em prisão preventiva e considerado arguido por homicídio, juntamente com mais 14 elementos afectos à mesma claue, num processo conduzido pelo Ministério Público (MP) que os acusou de posse, uso, distribuição e venda de substâncias explosivas. Nos 15 arguidos contavam-se 14 rapazes e uma rapariga, 10 com menos de 25 anos, 3 entre os 25 e os 30, e 2 com mais de 30, na sua maioria a exercer uma actividade profissional (trabalhadores da indústria, 4, e do comércio, 2; 3 estudantes, 1 militar e 1 quadro médio estagiário, encontrando-se 4 desempregados). Em Fevereiro de 1997 era conhecido o veredicto final do julgamento, o referido jovem de 23 anos dos *No Name Boys* foi condenado a quatro anos de prisão por “homicídio por negligência grosseira”, enquanto os restantes 14 arguidos foram absolvidos

9. A lei de 1997 obrigou os grupos organizados de adeptos a registarem-se junto da Liga Portuguesa de Futebol Profissional (LPFP) ou da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), exigindo, para o efeito, a identificação dos seus membros. Porém, apenas na época de 2002/2003, a LPFP encetou esforços no sentido de sensibilizar os clubes seus filiados para a legalização das suas respectivas claues (Marivoet 2007). Segundo informação do Conselho para a Ética e Segurança no Desporto (CESD), em Junho de 2009, encontravam-se dez claues legalmente constituídas.

10. Entre 1993 e 2000 registou-se um aumento de 28 % das agressões, injúrias ou danos às forças de segurança, num crescimento médio anual estimado em 3,6 % (Marivoet, 2007).

11. A este propósito será de referir a tentativa de criação de uma “Federação Nacional de Claues”, numa assembleia marcada para o efeito em 1989, em Coimbra, encontro que se repetiu em Leiria, na época de 1994/1995, desta segunda vez com o intuito de se criar a “Associação dos Ultras de Portugal”, e nova-mente em Ovar, na época de 1996/1997, ainda que em nenhum dos casos se tenha chegado a um acordo. Também é de mencionar a participação pontual dos seus membros em revistas da especialidade (fanzines) e sites de divulgação e comunicação na *internet*.

RESUMOS

A violência no desporto português, em particular no futebol, sugere o aumento da tensão dos jogos decorrente da intensificação da competição desportiva, mas também o agravamento das desconfianças em torno da justiça assegurada nos campeonatos. No desenvolvimento das hostilidades violentas entre algumas das claues, foi-se assistindo ao agravamento das formas de violência, em alguns casos revelando-se de extrema brutalidade e com trágicas consequências. A incorporação dos valores tradicionais do estereótipo tradicional de masculinidade associada à *mentalidade ultra*, de *adepto devoto e militante*, terá criado as condições para o agravamento da violência no seio de algumas claues, e, deste modo, as lutas travadas ter-se-ão constituído o *leitmotiv* para a reprodução autónoma das rivalidades violentas em acções accionadas por *solidariedades mecânicas*.

The violence in Portuguese sport, particularly in football, suggests an increase in tension at matches, arising not only from intensified rivalry, but also from increased distrust in the fairness assured at championships. In the development of violent hostilities between some ‘claues’, there has been an intensification in the forms of violence used, which in some cases have been extremely brutal with tragic consequences. The association of traditional stereotypical masculine values with the ultra mentality of the loyal militant fan will have created the conditions for an

increase of violence within some ‘cliques’; thus the brawls that occur have become a leitmotif for the autonomous reproduction of violent rivalries in actions activated by mechanical solidarities

La violence dans le sport portugais, en particulier dans le football, suggère une augmentation de la tension lors des matches, résultant de l’intensification de la compétition sportive, mais aussi de la méfiance accrue en ce qui concerne l’équité lors des championnats. Dans le développement des hostilités violentes entre certaines “cliques”, il y a eu une intensification de la violence utilisée qui, dans certains cas, a été d’une extrême brutalité avec des conséquences tragiques. L’association des stéréotypes traditionnels relatifs aux valeurs masculines avec la mentalité ultra du fan fi dèle et militant aura créé les conditions qui ont mené à une augmentation de la violence au sein des cliques. Ainsi les bagarres qui se produisent sont devenues un leitmotiv pour la reproduction autonome de rivalités violentes dans des actions déclenchées par les solidarités mécaniques.

AUTOR

SALOMÉ MARIVOET

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra
smarivoet@fcdef.uc.pt